O reino da força e a atitude dos Papas[*]

ABNER C. L. DE VASCONCELOS

O cristianismo tem os seus alicerces firmados em meio ás maiores demonstrações de violência que a história registra. A individualidade central do seu divino fundador conheceu todas as modalidades da fôrça, que lhe eram opostas, com o fim de abafar a expansão das idéias novas que conquistavam espíritos e corações, arrebatados pela esperança mais enternecedora que o mundo já conhecera. Perfídias, ciladas, planos de exterminio, traições, tudo o Cristo sentiu e experimentou na sua rápida e atribulada vida mortal, culminando com o drama da Redenção.

Tendo deixado todos os delineamentos da grande obra que veio realizar na terra, escolheu o chefe para o desenvolvimnto da sua doutrina.

E São Pedro, no primado da Igreja, fundou-a entre os escombros espituais de Jerusalém. Transfigurado, como todos os apóstolos, pelo prodígio celeste de Pentecoste, surgiu no cenário da Palestina como a representação de um novo Cristo, na suprema eloquência da palavra e no altivo destemor das atitudes, iluminado pelo fogo sagrado da inspiração.

Em meio aos ódios que ainda ferviam, como consequência do epílogo do Calvário, o Chefe da Igreja nascente não gozaria de liberdade para pregar os princípios do Evangelho.

E logo a política do poder romano, no arbítrio dos seus gestos violentos, de mãos dadas á autoridade dos sacerdotes decaídos de Deus, — encarcerou todos os apóstolos que não haviam partido ainda para a conquista dos povos. Pensava-se assim abafar a voz que avassalava tudo, como uma corrente que não encontra obstáculos em sua marcha vitoriosa.

Mas, embóra as cautelas fossem redobradas, para segurança dos prisioneiros e asfixia da propaganda de suas idéias, um milagre estupendo veio impulsionar mais ainda a pregação.

(*) *Conferência realizada na Catedral de Fortaleza, em 6 de Maio Maio de* 1944, *por ocasião das comemorações da Semana do Papa, justamente quando a Cidade do Vaticano estava ameaçada de destruição pela retirada alemã na Itália.*

Motivado pela exigencia do tempo protocolar, o autor teve de fazer um esfôrço de sintese para poder abranger todo o período da história da Igreja.

Deixando intactos os selos da prisão e os ferros dos encarcerados, sem que se apercebessem os guardas pretorianos, — eis novamente em plena sinagoga o príncipe dos apóstolos, propagando a palavra do Redentor, com escandalo dos homens do poder e dos que pretendiam perpetuar o monopólio da religião judaica.

Foi êsse o primeiro ato de fôrça que sofreu a Igreja na pessoa do seu representante máximo, violência que, pelos desígnios da Providência, foi seguida da conversão de milhares de pessoas de todas as nações, empolgadas pela miraculosa evidência do cristianismo, com o sentido da pregação veiculada simultaneamente em todas as línguas, para admiração e arrebatamento dos estrangeiros, porquanto Jerusalém era uma grande cidade cosmopolita.

Foi sôbre a fôrça que triunfou a atividade inicial da Igreja" na pessoa do seu pontífice. E na sequência dos séculos êsse espetáculo teria de reproduzir-se vezes sem conta.

Seguindo o destino que lhe era traçado do alto, o primeiro pastor passou-se para o centro de fascinação do mundo antigo, para a capital do paganismo. E desdenhando de todos os fatores da opressão, firmou alí os fundamentos da sede do cristianismo, ramificou por todas as camadas da sociedade o influxo do novo credo, conquistou corações e atraiu simpatias. Veio também o terror da adversidade. Era o tempo do reinado de Nero, em que, ás grandes esperanças iniciais, sucederam os mais abomináveis atos que a história consigna. Juntou-se-lhes a perseguição ao cristianismo, em que os seus numerosos adeptos, como se expressa Tacito, nos seus *Anais*, serviam á noite de iluminação pública, atados aos postes e untados de óleo, á que se punha fogo para arder até ás cinzas.

Após ás violências feitas a S. Paulo, de que livrou devido á sua eloquência e coragem com que falou diretamente ao tirano, veio o Chefe da Igreja a ser preso por ter convertido a uma mulher de Nero, o que fez desencadear a sua cólera.

E comparecendo ao tribunal do governador romano, fizeram ambos a sua profissão de fé, de que lhes resultou o martírio. A Igreja recebia assim um grande golpe de força, com a eliminação do seu glorioso chefe e do apóstolo que é um dos seus maiores fundamentos humanos, vulto ciclópico na irradiação universal dos Evangelhos, testemunho contra o qual os racionalistas esbarram esmagados pelo peso extraordinário das suas afirmações invencíveis.

Não devo referir o que foram as perseguições aos cristãos; não haveria tempo para narrar as atrocidades com que se quís abafar a fé no seio das populações convertidas.

O objetivo da confereência é limitado aos efeitos da fôrça com referência á suprema direção da Igreja.

Com a destruição que, a seguir á morte de São Pedro, se verificou da cidade de Jerusalém, eclipsou-se o bêrço do cristianismo, ficando Roma definitivamente com a sede dos seus pontífices. São Lino, o segundo Papa, não tem um logar completamente esclarecido na história. Mas, o seu pontificado foi tão açoitado pelas adversidades, que culminou com o seu martírio, segundo a tradição.

Foi outra violência inominável com que o espírito do paganismo se opunha á implantação da Igreja.

Logo São Cleto empunhou-lhe a direção em meio á onda que a ameaçava de naufrágio. Incluido na ordem de deportação decretada ao tempo de Vespasiano, voltou á séde do seu pontificado. E, graças á indiferença do soberano pela idolatria e ao reinado de Tito, seu filho, tão curto quanto promissor, a Igreja teve uma acentuada expansão na Europa. Mas, sobrevindo o imperador Domiciano, voltaram as crueldades e as perseguições. O papa não foi poupado, sofrendo igualmente o martírio. A séde do pontificado romano tinha de ser lavada com o sangue dos seus primeiros ocupantes, — florões de glória para a eternidade.

Ascendeu á cátedra de Pedro o papa São Clemente I.°, discípulo e companheiro de São Paulo nas suas caminhadas evangélicas pelas terras de Corintho. A êsse tempo, a virtude era um crime irremissível, e a persiguição contra o catolicismo surgiu súbita, em meio de combates muitas vezes desfarçados. Foi nessa época que, o imortal autor das visões de Pathmos foi miraculosamente salvo de uma tentativa de eliminação. A morte do tirano, fez voltar a paz á Igreja. Mas, Clemente I.°, embóra poupado pela perseguição imperial, esteve exilado, conheceu a fôrça física e moral do poder civil, terminando sua vida no martírio.

A êsse tempo, fim do primeiro século, falecia S. João, o último dos apóstolos e único que teve morte natural. Todos os outros regaram com seu sangue o estabelecimento da Igreja nos mais distantes confins do mundo conhecido.

A Igreja iniciou o seu segundo século sob o pontificado de Santo Evaristo, em plena época das perseguições, em que pereceram tantos vultos notáveis. O papa, porém, que encontrou no martírio a palma da sua vitória espiritual, deixou assegurados o govêrno da Igreja e a garantia da pureza e da fé. Foi êle que instituiu o título da Igreja de Roma.

Seu sucessor, Alexandre I, depois de um pontificado de angústias, foi martirizado, assim como o papa que o sucedeu, São Sixto I, e ainda o que o substituiu — São Telesfóro. Embóra as perseguições religiosas não conhecessem termo, diminuiram contudo de intensidade, sendo os papas subsequentes, em número de oito, de Santo Higino a São Carlixto I, pontificados agitados por dissenções doutrinárias, — os primeiros que tiveram morte comum. Isso não quer dizer que numerosos bispos não encontrassem no martírio o prêmio ás suas atividades apostólicas, na preservação da pureza doutrinária combatida pelo paganismo e pelas heresias que surgiram, perturbando a Igreja e trazendo os bispos sempre vigilantes na defesa ortodoxa dos princípios.

Rompendo a sequência pacífica dos pontifices que não obtiveram o privilégio espiritual do martírio, veio o papa Santo UrbanoI, em cujo pontificado Roma foi sacudida por uma infrene perseguição contra os cristãos, ao tempo do Imperador Alexandre Severo. E entre os santos que não foram poupados pelo ódio pagão figuraram Santa Cecília, de enternecido prestígio na cristandade e o papa.

Seguiram-no na cadeira de Pedro e no martírio, São Ponciano e Santo Antero. São Fabiano, São Cornélio e São Lúcio I foram períodos agitados na defesa da fé, não conhecendo, porém, violência á integridade física. Santo Estêvão I e São Sixto 2.° que suportaram grandes adversidades, tiveram morte de mártires.

Nova pausa na vida atribulada da Igreja com o papa São Deniz. Su-

cedeu-lhe São Felix I.° que na perseguição desencadeada por Aureliano, imperador romano, sucumbiu no martírio. Santo Eutychio e São Caio, sucessores imediatos sofreram atribulações, viram o extermínio de santos e de legiões, reagiram contra as seitas, mas foram poupados; São Marcelino, que subiu á cátedra de São Pedro, viu mártires por toda parte, no oriente e no ocidente, como consequência das perseguições, inclusive de pessôas que figuravam no próprio palácio do imperador, convertidas ao cristianismo. Pagou êle mesmo com a vida a honra de ser papa e fiel defensor da fé.

Seguiu-lhe, num curto pontificado, Santo Eusébio, rigoroso observador da ortodoxia, que logo contraiu as iras do poder temporal, sendo exilado para a Cicilia, onde logo lhe sobreveio a morte.

Com o seu sucessor, o papa São Melquiades, começa para a Igreja uma nova era. Depois de três séculos de lutas, de perseguições dos imperadores que tantos cristãos sacrificaram, e de oposição ás deturpações da verdadeira doutrina, mudou o cenário político-religioso com a conversão do imperador Constantino e a proclamação da fé cristã como religião do império.

E quaisquer que tenham sido as faltas posteriores do imperador, que obscurecem os esplendores espirituais do seu reinado, não lhe pode ser recusada a glória de abrir as portas do mundo político das nações ás luzes fecundas do cristianismo. Com a estabilidade da Igreja, a ação dos papas tornou-se mais eficiente e acatada.

A São Silvestre I, seguiu-se uma série de pontífices, de São Marcos a São Simplício, de 336 ao ano 476, em que, salvo fatos de menor repercussão na história, a fôrça física do mundo oficial não estorvou a expansão superior da Igreja que em meio á profunda decadência moral de então era o único império que escapava, atraindo egressos de toda espécie, para os prodígios da regeneração.

E' digno de nota o episódio histórico de que quando dois reinos já tinham perdido as esperanças de paz e a guerra era considerada inevitável, a população do govêrno do norte da Itália lembrou-se de enviar o último embaixador á Roma. E escolheu o bispo Santo Epifanio que não podia recusar a missão. Foi, e falou com tamanha expressão ao imperador romano, que êste cedeu totalmente nas suas exigências, cativo que ficou a tudo que transluzia do santo emissário. Depois, com a queda do império do ocidente, a Igreja, que sofrera tão rudes golpes e lutára contra as idéias que lhe prejudicavam a estrutura, tratou de amparar os vencidos da nova ordem política. Como diz Darras, o grande historiador, depois da conversão de Constantino, a religião cristã mostrava-se sem temor, e ganhava em ser conhecida: a grandeza de suas promessas, a gravidade e a beleza de suas leis, a pureza de sua moral, a magnificência de suas cerimônias e de suas festas conquistaram em pouco tempo todo sos corações.

Entretanto, mudado o cenário, desaparecidas as perseguições, surgiram outros problemas que a Igreja teve de enfrentar, — as heresias dos séculos IV e V, a ação dos vandalos, dos wisigodos, que destruia ou enfraquecia a fé, os êrros que surgiram desafiando a ação dos exegetas católicos que fizeram a glória de Santo Agostinho, são Jeronimo, Santo Ambrosio e tantos outros vultos da fé e da filosofia.

A Europa via lançarem-se as bases de grandes nações; a própria Igreja ainda não havia atingido o pleno domínio de sua organização constitucional. E a prova é que, na disputa pelas prerrogativas pontifícias, do ano de 590, não havendo ainda a atual forma canônica reguladora da escolha papal, foi o imperador Maurício que, por sua autoridade, resolveu a pendência entre Gregório, eleito em Roma pelo clero, povo e senado, e o patriarca de Constantinópla, que pretendia o título de bispo universal, proclamando o primeiro e entrando desde logo em relações oficiais, para solução da disputa.

Já nessa época, a importancia do papa não era só de ordem religiosa, e social, mas também política e administrativa, por se lhe atribuir prerrogativa de soberania superior. Tão íntimas foram se tornando as relações entre o poder temporal e o espiritual, que os imperadores de países católicos chamaram a si a faculdade de vetar a eleição do papa. Era a Igreja investindo os soberanos e êstes interferindo nas escolhas pontifícias.

As soberanias temporal e espiritual entrelaçavam-se assim. Inaugurada a nova era política do universo, com a eleição de Gregório, o Grande, que foi um dos maiores chefes da Igreja e uma das maiores glórias do pensamento humano, os povos começaram a usufruir as vantágens da ordem, da paz, das virtudes, da cultura, dos esplendores da fé, — cousa talvez inédita nos anais da história, pela intensidade com que se manifestava.

Para vêr-se quem foi o iniciador de tantos benefícios públicos e individuais, basta referir estas eloquentes palavras de Bossuet a respeito do pontífice :

Em meio ás infelicidades da Itália, e enquanto Roma era afligida por uma epidemia espantosa, São Gregório, o Grande, a contra gôsto, foi elevado á séde de São Pedro. Êste grande papa aplacou a peste com suas preces; instruiu os imperadores e impôs-lhes obediência; consolidou a África e a fortificou; confirmou na Espanha os Visigodos convertidos do arianismo e Recarelde, o Católico, que entrára para o seio da Igreja; converteu a Inglaterra, reformou a disciplina na França, exaltou os seus reis sempre ortodoxos, acima de quaisquer outros; aplacou os lombardos; salvou Roma e a Itália que os imperadores não podiam socorrer; reprimiu o orgulho nascente dos patriarcas de Constantinópla; iluminou toda a Igreja com seus escritos; governou o Oriente e o Ocidente com tanto vigor e tanta humildade, que deu ao mundo um perfeito modelo de govêrno eclesiástico.

Seguiu-se-lhe uma série de séculos de esplendor para a Igreja, de lutas doutrinárias, de acontecimentos nem sempre pacíficos. A Igreja raramente deixou de ter tempestades a vencer e inimigos a confundir.

Começou a idade média, que depois de ter sido tão malsinada pelos historiadores, já se reafirmou como um dos períodos áureos da história, porque guardou o patrimônio da sabedoria antiga, desenvolveu a filosofia e as ciências, consolidou o prestígio do cristianismo, harmonizou a política, purificou os costumes e engrandeceu o homem, tudo devido á ação fecunda do espírito religioso que fundou inúmeros cláustros e universidades que guardaram para o mundo moderno toda a cultura da humanidade.

As lutas da fé tiveram grandes lances nessa época. Se já não bastavam as heresias, surgiu no oriente o credo Mahometano que avassalou o

mundo árabe. A séde pontificia é sacudida pela violência dos poderosos e o papa São Martinho I é vítima de um frustrado atentado contra sua vida, sendo exilado no oriente, onde encontrou a morte.

Igual sorte, na divisão das violências, coube aos pontífices Estêvam IV e Sérgio I. Grandes dissidências com os soberanos, em assuntos de ordem política e de fé, agitaram o govêrno da Igreja, culminando com o advento de Carlos Magno, sobretudo quando êste soberano quís realizar o seu divórcio.

E' dessa época a fase caótica que precedeu á eleição pontificia, em que o duque Toton, por um golpe de fôrça, obrigou o bispo de Preneste a conferir ordens sucessivas a seu irmão Constantino, eleito papa, á mão armada, afim de que pudesse tomar posse nas funções de Chefe da Igreja, que usurpou como antipapa. Um ano depois, o rei dos lombardos expulsava o intruso. E, procedendo-se a uma eleição regular, subiu ao trôno pontificio Estêvam IV, pelo consenso unanime do povo e do clero. Encerrava-se assim mais um episódio violênto contra a pacífica e imperturbável sequência histórica dos sucessores dos apóstolos.

Ao mesmo papa, em seu curto pontificado estava ainda reservada a discórdia político-religiosa com Carlos Magno, monarca prepotente e glorioso, que quís repudiar sua mulher para efetuar outro matrimônio. E o papa, com a coragem que caracteriza as atitudes da Santa Sé, opôs-lhe a pureza do preceito católico, sob a cominação da ameaça de anatema.

Contudo, o imperador, que não encontrava entraves aos seus desígnios, divorciou-se e casou-se não só uma, mas duas vezes, com o despreso da proibição canônica, e insensivel á voz do Papa.

Depois, sob o pontificado de Adriano I, o imperador reconciliou-se com a Santa Sé, da qual, no auge do seu reinado tornou-se grande protetor, já no tempo de Leão III.

Um longo período de paz seguiu-se entre á Igreja e os impérios, apenas perturbada pelo aparecimento de heresias e de quebra de disciplina, como a que culminou com a tentativa do antipapa João que pretendia, sob os auspícios do imperador Lotário, usurpar o trono pontificio a Sérgio 2°. E mandando o soberano uma magnificente embaixada, chefiada, por seu filho, rei da Itália, ao papa legitimamente eleito, êste recebeu-a nos altos do Vaticano dizendo: si vierdes em missão de paz, as portas da séde do govêrno da Igreja, que estavam fechadas, se vos abrirão; mas se vierdes noutra missão, continuarão fechadas. E seguiu-se o ato da submissão ao poder espiritual. Mas os ventos da violência não deixavam de soprar contra a barca de Pedro. Em 903, mal acabava de ser eleito papa, Leão V era vítima de um plano político de ambição que o tornou cativo, falecendo pouco depois, no cárcere, entre tristezas e provações, sob a indiferença pública, embóra depois houvesse um nobre de Toscana deposto o antipapa e obtido a ascenção legítima de Sérgio III á catedra pontificia.

Uma época de agitação abalou a Igreja com o chisma do Oriente, chefiado por Phocius, em que Roma tudo fez por trazer os espíritos presos á obediência e á hierarquia, transigindo quando oportuno e anatimatizando quando necessário, no sentido de preservar a ortodoxia ameaçada, porque eclesiásticos rebeldes encontravam sempre apôia em governantes que se opunham ao poder legítimo dos pontífices, gerando crises político-religiosas que a Igreja, atravez dos tempos, vencia sempre.

Mas vicissitudes, e, por vezes, a violência, pesavam diretamente sôbre

a pessôa do pontifice, abatendo-o como, por exemplo, ocorreu com João XII, que por não bater palmas á política do imperador Othon, o Grande, sofreu um atentado por parte do soberano; foi deposto e substituido por um antipapa. Foi contudo restabelecido no govêno da Igreja, para logo depois morrer sem glória.

Não ficaram aí as provações da Igreja. Bento V que o sucedia, foi logo exilado em Hmburgo, para reenvestir no govêrno da Igreja o antipapa Leão VIII que havia, com o auxílio do imperador, afastado o pontifice legítimo. Mas, o impostor não usufruiu o prêmio da rebeldia, porque a morte lhe sobreveio á efemera vitória.

Nova era de paz surgiu para a religião, atravez de vários reinados pontifícios, graças sobretudo á ação de Othon, o Grande, que então muito se esforçou pela distensão dos domínios da fé. Mas o enevenenamento e morte do papa Bento VI, seguido de perturbações graves, como o advento de antipapa e de frustradas eleições de pontifices, logo roubados pela morte, levou intranquilidade ao mundo católico e á continuidade histórica da cadeira do príncipe dos apostolos.

E no fim do primeiro milenio da era cristã, embóra a religião estivesse implantada entre os povos, o momento era caótico, de lutas e de dissenções, na ordem política e disciplinar, trazendo altamente preocupada a ação do papado, cujos pontifices, homens que eram, passavam por dissabores que lhes amarguravam a alma e perturbavam o govêrno da Igreja, entre alternativas de consolações e de tristezas, num ambiente saturado de corrução.

Como insuspeitamente se expressa Darras, o grande historiador da Igreja, nessa época a autoridade dos soberanos pontifices, violentada por principes sanguinários e crueis, não se exercia com independência, vigor e liberdade. Em meio á desolação moral e política que se seguiu á desagregação do império de Carlos Magno, salvou-se a unidade da fé, para a qual estavam reservados os esplendores dos séculos futuros.

De início, nesse novo período em que se abria a história, a Santa Sé passou por grandes perigos, sobretudo pela instabilidade dos pontificados, dado o defeito que presidia ás escolhas pontificias. Data dessa época a instituição do Colégio cardinalício, com autoridade exclusiva de eleger os pontifices.

Ficava assim removida uma fonte fecunda de violências que continuamente sopravam contra a Igreja.

Entretanto, o aspecto político da Europa não se modificava: guerras de soberanos entre si; disputa pela conquista do papa; apôio a clerigos que rebelados contra os pontífices, prestam-se ao papel de antipapas; aprisionamento de soberanos pontífices, sua volta á séde romana, pazes com os imperadores; chismas desfeitos; concílios para definição de princípios e fortalecimento dos dogmas; intenso fervor da fé, na época das cruzadas; préstigio político da Santa Sé; efeitos do aparecimento de grandes santos nos países europeus; influência dos Santos Padres na sucessão dos tronos, e seu freio político no sentido da paz, — tudo concorreu para dar á Igreja uma situação de valor social definitivo, como fonte de aprefeiçoamento e civilização. De longe em longe, porém, príncipes rebeldes, tocados da ansia de destruição, atiram-se contra o papa, afastando-o não só de Roma, e bem assim do seu apostolado, como ocorreu a João XXII.

Êsses expedientes visavam á obtenção de antipapas da afeição dos príncipes, mas o espírito de fé do povo teve de ver restabelecido o poder papal em Roma, com a consequente terminação da séde em Avinhão, ao tempo de Gregório XI.

Depois, vieram as lutas ao seio da Igreja, o grande cisma do Oriente, que tantos consumiu, até sua terminação com a paz entre os cristãos. O próprio corpo cardinalício voltou-se contra o papa, motivado pela reforma dos costumes eclesiásticos, o que deu lugar a que a grande religiosa que foi Catarina de Sena se dirigisse por carta aos cardiais, num apêlo sublime para que cessassem a resistência oposta á hierarquia apostólica, e que é uma lição de sabedoria evangélica, tornada histórica nos anais da Igreja. Por muitos anos vacilou a estabilidade dos pontifices, para o que se associavam a política dos soberanos e a ambição das posições elevadas.

Por fim, tudo cessa com a eleição de Eugênio IV e a submissão dos pretendentes ao sólio pontifício, depois de intensa oposição do concílio de Basiléia, no qual triunfou o chefe da Igreja. Já nos albores da renascença o mundo político e religioso na Europa foi profundamente abalado com a investida dos turcos, dominando povos e impondo o Alcorão. O Papa teve de enfrentar diretamente o problema que ameaçava o cristianismo. Os príncipes são congregados para conjurar o perigo; os tronos vacilam; a agitação invade todos os povos; a autoridade do Papa intervém para aplacar a onda de terror que se alteia, entrando na política como elemento de persuasão e de ordem, mas não consegue impedir que em Florença um arcebispo seja executado pelos revoltosos da cidade, que acaba interditada pela Igreja.

Nessa época sobrevieram os acontecimentos da inquisição, que os historiadores tendenciosos procuram subverter os fatos, desviando para a Igreja responsabilidade que recae sôbre a política das nações, especialmente da península Ibérica. Entretanto, se a inquisição de Espanha e Portugal, como aponta a psicologia da historia, era dirigida por eclesiásticos, observavam os mesmos não os ditames da Igreja, á qual não interessava, mas do poder real que os ditava, guiado pelos objetivos de sua política secreta.

Ao raiar do século XVI, os ventos políticos agitaram o pontificado de Alexandre VI que, por sua extraordinária habilidade, venceu os planos dos soberanos e a pressão moral que lhe foi feita nos dez anos de sua permanência no Vaticano. E' do seu tempo a dolorosa ocorrência da rebeldia política e eclésiástica de um dos maiores espíritos da Itália, o sábio Savonarola, que acabou no sacrifício. Embóra a morte do pontifice tenha ocorrido, de modo a suspeitar o desenlace de um envenanamento, a Igreja teve, sob seu cetro, um reinado de brilho e projeção.

Logo depois, os príncipes europeus formaram uma liga contra o Papa Júlio II, de que resultou a sua deposição em 1513.

Seguiu-se uma época de agitação política no pontificado de Leão X, assim como a tempestade religiosa da reforma protestante, com o anátema da Igreja, e que se prolongou nos períodos pontifícios seguintes, com grande progressão de efeitos políticos e sociais.

Embóra a intensa pressão exercida sôbre o papado, entre as amarguras da defecção de tantos povos, o Chefe da Igreja, na majestade da sua missão, desdenhou das ameaças de Henrique VIII, quando proclamou a in-

dissolubilidade do dogma do matrimônio. Perdeu, é certo, os povos de origem inglesa, mas salvou o princípio eterno, fundamental, na pureza do cristianismo. E, na imponência de sua serena atitude, decretou a anulação do casamento do monarca.

Esgotado pelas amarguras espirituais e pelo desgosto de ver o prestígio político do Vaticano diminuido pela ação violenta dos soberanos, o pontífice sucumbiu sob as pesadas consequências do cumprimento do dever. Clemente VII passou a seu sucessor, Paulo III, o govêrno da Igreja batida por vicissitudes de tôda ordem. A luta religiosa na Inglaterra, onde tantos heróis da fé pagaram com a vida a coragem de sua fidelidade a Roma, como Tomas Morus, chanceler do Reino, — tomou aspecto mais agudo no terreno dos princípios, maltratando a sensibilidade do Papa, com os desmandos do protestantismo na Alemanha, na Suiça e com a apostasia de tantos eclesiásticos.

Êsse abatimento era, porém, contrabalançado pelas confortadoras afirmações no Concílio de Trento, que prosseguiu no pontificado seguinte, de Júlio III, malgrado a oposição de Henrique II, rei de França, que lançou contra Roma os seus exércitos, afim de estorvar os propósitos pontifícios.

Enquanto isso, a Inglaterra, sob Maria Tudor, rainha de fé, suspirando pela Igreja, livrava-se da apostasia de Henrique VIII e retornava ao caminho do cristianismo.

O papa Júlio III teve assim um pontificado glorioso e feliz.

Mas, ao subir ao trono inglês, a rainha Elisabete desencandeou a perseguição á religião, violentou os bispos, rompeu com o Papa e foi anatematizada.

Nos pontificados que lhe sucederam, a luta política e religiosa, que tantos anos consumiu, acabou serenada, e, sob Paulo V, papa, os acontecimentos se salientaram por um notável progresso da Igreja. Nessa época de movimento e de esplendor, floresceram os grandes espíritos de Santa Teresa, São Francisco de Sales e Santo Inácio de Loiola. E' também dêsse tempo o aparecimento do jansenismo que tanto mal fez á pureza da fé e á obediência á hierarquia apostólica, afinal vencido no pontificado de Clemente IX.

E, assim, sentia-se o prestígio da Igreja, em meio de alternativas entre dissídios de ordem política, porque o Papa tinha poder temporal, e vitórias elevadas no terreno dos princípios, na época em que surgiram os grandes espíritos de Pascal, Descartes, Bossuet e Fenelon.

Os acontecimentos continuaram até que, no meado do século 18.°, os filósofos da Enciclopédia conjuraram-se contra a Igreja e contra os poderes constituidos, lançando os alicerces em que se formou a sanguinolenta revolução francesa, de funda repercussão nos destinos do mundo. Infelizmente, essa época, que abrange mais de meio século, é fértil de dissabores e provações para a cátedra de São Pedro.

E' a fase da perseguição aos jesuítas em França, Espanha, Portugal e Itália, por fôrças secretas que agiam junto aos governos. E tão grandes foram as ameaças feitas ao Papa Clemente XIII, que êsse, após uma bula apostólica em defesa dos jesuítas, e já estando em idade avançada, não pôde suportar o pêso das opressões morais, morrendo como uma vítima. E sucedendo-lhe Clemente XIV, não diminuiu a intensidade

da luta dos governos contra a Companhia de Jesus, fazendo periclitar a unidade do cristianismo. Ainda estavam bem vivos os efeitos causados pela defecção do protestantismo. E embóra julgando inocentes os referidos padres, sentindo sangrar o coração, o Papa, por conveniência políticas ponderáveis decretou a sua extinção, após dois anos de relutancia. O perigo pesou mais do que a justiça. A paz volveu ao seio das nações e os povos cristãos respiraram um ar mais livre, no sentido da espiritualidade.

Embora as palavras inspiradas escritas pelo pontífice, justificando o seu ato fundado na prudência e na sabedoria de governar, êle não teve fôrças para sobreviver á provação por que passou tão intensamente.

E, cousas do destino, anos depois Frederico o Grande e Catarina II, da Alemanha e da Rússia, países que não obedeciam á orientação religiosa de Roma, pediam ao Papa a restauração dos jesuítas, afim de que instruissem a sua mocidade! Foi o começo da justiça que, tempos depois, veio a ser feita á Companhia de Jesus, para felicidade espiritual das nações. A Clemente XIV sucedeu o papa Pio VI, no último quartel do século XVIII, quando mais fortes os ventos revolucionários varriam a Europa atormentada. E de todo aquêle mar de ódios e de chamas, surgiu empolgando o poder, a ambição política de Napoleão. E veio a desinteligência com o papa, motivada por assuntos eclesiásticos, e o Diretório, num gesto de ameaça, não conseguindo vencer as resistências pontificias, foi o papa conduzido á fôrça, dos seus domínios, e deportado para terras de França, onde logo fechou os olhos para sempre.

Seguiu-se-lhe, na sede romana, Pio VII que inaugurou o seu pontificado com a reabertura das igrejas de França, aonde foi fazer a sagração do Primeiro Cônsul.

Pouco tempo depois, o imperador rompeu com o papa, faltando a tôdas ás promessas de fidelidade, e fez ocupar Roma. O soberano foi anatematizado, e, em revide, o papa foi deportado. Pretendendo instituir uma cisma. Napoleão ousou obter o privilégio de nomear os bispos do país, conseguindo do Cardial Maury uma fundamentação teológica nesse sentido, destinada ao Chefe da Igreja.

Mas o pontífice, depois de invocar as violências feitas aos bispos, de prisões e deportações, do confisco dos bens da Santa Sé e da agressão, a mão armada, á sua própria sagrada pessoa, privado de comunicar-se com os seus bispos, — declarou peremptoriamente que não se podia entender com o autor dos aludidos atentados.

Entretanto, depois, sob a pressão de cardiais que queriam favorecer o imperador, Pio VII, do seu cativeiro, satisfaz a exigência real, convocando o Concílio de Paris. Outra concordata é obtida violentamente do papa, embóra depois fosse desfeito o mesmo ato diplomático, quando o imperador,esgotada militarmente a nação, perdera para sempre o caminho da glória. E quando o papa entrava triunfalmente em Roma, o imperador decaído rumava para a dolorosa desilusão de Santa Helena. Daí por diante, a direção política da Europa evoluiu, assegurando ao Chefe da Igreja respeito e consideração, mesmo através das vissicitudes militares que a história regista. Contudo, anormalidades ocorreram, como a do arcebispo Quelén, de París, mártir da fé, que pagou com a vida a sua fidelidade ao Papa Gregório XVI, de glorioso reinado.

Seu substituto foi Pio IX, imortalizado por fatos notáveis de seu pontificado, quer de ordem teológica, com a proclamação do dogma da Imaculada Conceição, que satisfaz um antiquissimo anseio da cristandade, como de ordem temporal, com a violência política do arrebatamento dos Estados Pontifícios, de que resultou a prisão voluntária dos Chefes da Igreja que, por um privilégio excepcional, passou a gozar da prerrogativa de personalidade de direito internacional, posto que sem a soberania temporal.

Sucedeu-lhe o grande Leão XIII, águia na cultura e gênio na política, que solucionou os mais graves problemas europeus, elevando a Igreja ao pináculo do prestígio, sem perder de vista a grande pureza de sentimento que afervora a fé e aperfeiçoa os costumes. Foi o grande artifice da política social que procura a solução definitiva para a crise gravíssima das questões oriundas do trabalho.

Veio depois Pio X, anjo de bondade na direção da Igreja, que desenvolveu sob muitos aspectos.

Enfrentou a hostilidade dos governos estrangeiros que agiam sob a influência maçônica.

Chegou a ser oficialmente ofendido de público pelo Chefe do govêrno de Roma, pelos seus atos de defesa e de fidelidade á fé religiosa do povo.

Mas permaneceu firme no seu independente papel de pontifice, sempre zeloso do patrimônio moral da Igreja. Morto em odor de santidade, Bento XV foi o seu sucessor, quando os acontecimentos mundiais já anunciavam a catástrofe que se aproximava. Dotado de arguta visão política, não tiveram êxito os seus propósitos de paz. Seu pontificado exercido em plena guerra, não foi por ela absorvido. Sofreu, porém, os embates do maçonismo sempre anticlerical. Parece, porém, que as amarguras da guerra abalaram profundamente a delicadeza da sua compleição organica, falecendo prematuramente.

E, terminada a guerra, os responsáveis pela nova ordem não aceitaram a interferência da Igreja no restabelecimento da paz, perdendo assim o mundo a oportunidade de a religião, com os seus profundos preceitos, contribuir para a concórdia das nações. Pio XI ascendeu ao sólio pontificio e foi dos maiores papas que a cristandade conheceu.

Grande pela visão política e pela projeção de sua cultura, deu á Igreja um brilho invulgar. Promoveu idéias que puseram em destaque grandes vultos que floresceram no passado, em homenagem á fé, á virtude e á cultura.

Enfim, em 1929, um feliz entendimento, provocado pelo govêrno italiano, restaurou o Estado pontifício. O prestígio da Igreja subiu tanto na esfera da política mundial, que a Santa Sé passou a ser o centro de irradiação de uma influência superior, reconhecida por todos os povos. Entretanto, isso não impediu, logo depois, a divergência com o mesmo govêrno, na defesa da liberdade de espírito que o fascismo queria acorrentar ao carro do Estado, com sacrifício de princípio básico da religião oficial.

E fiel á doutrina da Igreja e desdenhando das arrogancias do poder, condenou as novas teorias adotadas na Itália e na Alemanha, que tanto mal teriam de fazer ao mundo.

Sucumbindo em meio de tantas preocupações apostólicas, Pio XII foi eleito sob os aplausos de toda a humanidade católica.

E' o pontifice atual que enfrentou os governos vandálicos que dominaram a Europa, ensanguentam os povos e exterminam tanto os católicos, como os inimigos.

E embóra cercado pelos governos absolutos, que dispunham das vidas e dos bens da Igreja, Pio XII, na majestade de sua grandeza espiritual, sentindo o apêrto das armas, que lhe estrangulava a liberdade física, salvava constantemente as prerrogativas eternas da religião católica, defendia os direitos da Igreja e proclamava os seus princípios. As violências choviam sôbre o papado, reduziam-lhe a capacidade de ação, bombardeavam-lhe os domínios privilegiados, afim de abafar-lhe a voz. Mas a voz da Igreja póde ser violentada, e nem por isso desaparece o seu miraculoso poder de expansão. E aí está hoje o santo padre no leme da barca de Pedro, indiferente á mão forte do inimigo, mas cheio da coragem que lhe dão as supremas insipirações do dever.

Não faltaram violências sofridas pelos pontifices nos séculos passados. Há, contudo, na história, periodos de tréguas que edificam, mas logo sucedem-lhes os atos que os ameaçam, constrangem ou esmagam, porém que jamais reduzem a fôrça moral dos Evangelhos, que representam o espírito da Verdade, eterno na sua expressão, invencível no seu sentido, empolgante através da palavra que se irradia vitoriosa dos lábios inspirados dos pontífices.

Pio XII sofria até ontem constrangimento físico e moral, a sua vida correu os maiores perigos nessa fase terrível da guerra, podia mesmo ser sacrificado, mas passam os papas na sucessão dos pontificados e fica a Igreja, séculos a fóra, a mostrar á humanidade a obra imutável de Deus, eterna e gloriosa, na grandeza do seu destino e na realidade da sua alta missão civilizadora!